

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UM NOVO OBJETO DE ESTUDOS

Paulo Ramos

Rua Tenente Antônio João, 55 – Bairro Cerâmica – São Caetano do Sul – São Paulo –
Brasil – CEP 09530-460

Abstract. This meta-theoric paper describes the evolution of comics studies in Brazil. The dialog between Linguistic and comics became more visible in the second half of the 90's. We show in this communication some recent researchs, and comprove that linguistic studies have a new object.

Keywords. Linguistic; comics; genre; education.

Resumo. Este artigo meta-teórico procura registrar o crescente interesse no Brasil no estudo das histórias em quadrinhos. O diálogo entre áreas da Lingüística e os quadrinhos ficou mais visível a partir da segunda metade dos anos 90. A proposta é apresentar alguns trabalhos já realizados, de modo a evidenciar que o campo lingüístico têm um novo objeto de estudos.

Palavras-chave. Lingüística; histórias em quadrinhos; gênero; educação.

1. Introdução

Há uma metáfora muito usada para explicar a área de atuação da Lingüística. Seria como um grande guarda-chuva, que abriga diversas sub-áreas, com seus vários objetos de pesquisa. É um quadro teórico que se consolidou à custa de muitas mudanças. Prova disso é o impacto que os estudos textuais têm hoje. Outra prova é acompanhar a evolução da quantidade de comunicações sobre gênero e oralidade nos congressos lingüísticos. Eram temas que tinham pouco –ou nenhum- destaque décadas atrás.

Outras mudanças virão, outros objetos de estudo serão incorporados, outras perspectivas teóricas certamente surgirão nos próximos anos. Talvez uma delas aprofunde o campo de pesquisas das histórias em quadrinhos. A linguagem já é analisada lingüisticamente, mesmo que de forma ainda tímida. Um exemplo é a revista *Estudos Lingüísticos*, compilação de comunicações apresentadas no GEL, Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. No período de 1995 a 2005, 11 anos portanto, foram publicados ao menos dez artigos sobre o tema (como ilustra tabela em anexo). No congresso de 2005, realizado na Universidade Federal de São Carlos (que terá produções selecionadas para divulgação na edição de 2006), foram apresentados cinco trabalhos, entre eles este texto.

Levantamento sobre apenas um congresso científico impede um parecer mais amplo e preciso sobre o assunto. Mas indica uma tendência: as histórias em quadrinhos se

tornaram um novo objeto de estudos lingüísticos. A proposta deste artigo é evidenciar tal tendência, além de traçar um quadro atual das pesquisas e estimular novos estudos. Postulamos que as abordagens convergem para quatro campos temáticos: oralidade, gênero, educação e estratégias textuais, discursivas ou semióticas de formação de sentido.

Pretendemos analisar grande parte das pesquisas já feitas. O artigo começa com uma trajetória teórica do objeto história em quadrinhos dentro da Lingüística. Vai dos primeiros estudos, na primeira metade da década de 70, até a retomada das pesquisas a respeito do tema a partir da segunda metade dos anos 90. Dadas as restrições de espaço, não será possível uma descrição aprofundada de cada publicação. A intenção é mais pontuar onde cada obra se situa, com a preocupação de captar a essência de cada estudo. O enfoque é menos crítico e mais meta-teórico.

2. Os primeiros estudos

“Eu era acusado clandestinamente de pesquisar o ‘lixo’ cultural”. O depoimento é do jornalista, professor e pesquisador José Marques de Melo (Melo, 2005: 134). A frase fazia referência à resistência que sofreu na academia ao realizar estudos sobre quadrinhos a partir do fim dos anos 60. Num primeiro momento, Melo e um grupo de colaboradores realizaram as pesquisas na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, em São Paulo. No começo dos anos 70, ele transferiu a experiência para a Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), onde estimulou a criação de uma disciplina específica sobre história em quadrinhos.

O relato de Melo descreve a forma como a comunidade científica via as pesquisas a respeito do assunto. Havia um clima de desqualificação do novo objeto de análise. É uma visão que encontra reforço em Vergueiro (2005b: 17), ao descrever a postura dos intelectuais da época diante dos quadrinhos: “Eles simplesmente não os consideraram dignos de atenção. Com isso, colocaram um ponto final no assunto, afirmando que as histórias em quadrinhos definitivamente não pertenciam ao meio acadêmico”. É nesse cenário que se inserem dois dos primeiros estudos lingüísticos sobre os quadrinhos.

Cagnin publicou em 1975 o resultado de sua dissertação de mestrado, produzida anos antes na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O trabalho trazia contribuições tanto para os estudos literários como para análises de ordem mais textual. O autor define como elementos constituintes da linguagem a imagem e o texto e, a partir daí, faz uma minuciosa descrição dos quadrinhos. Levanta praticamente todas as características: ângulos, tipos de balões, formato das letras, histórias em quadrinhos com texto, histórias em quadrinhos sem texto, a mescla entre visual e verbal no processo de leitura, as estratégias narrativas (baseado principalmente no modelo de Propp). A obra é vista ainda hoje como um dos mais completos estudos sobre o assunto e se tornou referência para as pesquisas seguintes.

Preti (1973), em artigo publicado na *Revista de Cultura Vozes*, procurou mostrar como era feita a caracterização dos níveis de fala nas histórias em quadrinhos. Adotou como *corpora* 37 edições da revista "Mônica", de Maurício de Sousa. Preti constatou que havia diferentes níveis de fala, usados muitas vezes pelos mesmos personagens em situações distintas. O lingüista averiguou, no entanto, que o formal, mais próximo à variante culta da língua, dominava os diálogos no começo dos anos 70. Nas palavras do autor, "os códigos morais pelos quais se pauta a atividade das editoras, os quais, atuando no

sentido de transformar as revistas em quadrinhos em instrumento de educação coletiva, transferem essa intenção também para o plano da língua, preservando com zelo a ortografia oficial e nivelando a fala das personagens pela *norma culta*, o que impede, freqüentemente, qualquer identificação mais precisa dos *níveis sociolingüísticos*" (Preti, 1973: 36). Em outras palavras, é possível concluir que a representação da fala de um personagem era feita à época sempre com a variante culta, independentemente da região onde vivia, idade que tinha e demais características. *Mônica*, embora uma criança, falava como um adulto.

O lingüista aprofundou os estudos referentes à sociolingüística e à oralidade, tornando-se, a exemplo de Cagnin, referência para abordagens futuras. Curiosamente, não retomou os quadrinhos. Cagnin, ao contrário, tornou-se professor da ECA e estimulou uma série de pesquisas com o tema. Em 1990, criou com outros dois professores o Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos, pioneiro no país. O enfoque, no entanto, era mais voltado às características da linguagem como veículo de comunicação de massa. O olhar lingüístico-textual ficou de lado e só retornaria na metade da década de 90, ganhando especial destaque neste século.

3. Os quadrinhos na educação

Os motivos que motivaram pesquisas com histórias em quadrinhos a partir dos anos 90 ainda precisam de investigação mais detalhada. Supomos que pelo menos dois pontos exerceram algum tipo de influência: 1) a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares, em especial no da Universidade Estadual de Campinas; 2) a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo governo federal. Os dois itens levaram a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor. Surgiam novos problemas. O principal deles: pode-se usar quadrinhos para ensinar? A resistência vista na década de 70 parecia ainda presente. Aguilera (1997), ao trabalhar com tiras cômicas em comunicação do GEL, evidenciava o problema: "selecionamos um tipo de texto que, polêmico, por ser censurado por uns, questionado por outros e adotado por terceiros, está, há algum tempo, conquistando um lugar de destaque na escola: o texto humorístico sob a forma de tira cômica". Colocado o problema, começava uma demanda por respostas. Era questão de tempo até que o assunto repercutisse junto às universidades.

O que corrobora tal leitura é a quantidade de produções sobre a presença dos quadrinhos na sala de aula, em particular nos últimos anos. São estudos que procuram trabalhar dois aspectos em geral: 1) apresentação de possíveis práticas a serem utilizadas nas aulas de Língua Portuguesa; 2) descrição da linguagem dos quadrinhos para que o professor saiba o que é balão, onomatopéia e outras características. Vergueiro (2005a) vai mais além: fala da necessidade de uma "alfabetização" no gênero, de modo a melhor compreendê-lo.

Cumprem esses dois itens os trabalhos de Higuchi (2002), Mendonça (2002) e, de forma mais aprofundada, Silveira (2003). As duas primeiras autoras reservam a segunda parte de seus artigos para ilustrar possíveis práticas a serem utilizadas pelo professor. A diferença está no enfoque dado na parte inicial. Higuchi faz uma descrição da linguagem e um levantamento da história dos quadrinhos. Mendonça se preocupa em caracterizar os quadrinhos como gênero textual (trabalharemos este ponto mais adiante).

Silveira aplicou e descreveu práticas pedagógicas feitas junto a alunos do ensino fundamental II. A hipótese que permeou todas as dinâmicas era deslocar a perspectiva de que os quadrinhos fossem apenas uma leitura recreativa. Ao contrário, procurou demonstrar que são transdisciplinares e que requerem o que convencionou chamar de “saber-olhar”. Caberia ao docente estimular o ato de ler dos alunos, intercalando e analisando os dois códigos, o visual e o verbal. Entre suas conclusões, figura a idéia de que a (re)construção do sentido exige do aluno um questionamento, não um posicionamento tácito ante a leitura. Os quadrinhos, no seu entender, estariam longe de serem uma leitura simplória.

Três artigos se preocupam mais com a parte das práticas, diluindo aspectos teóricos ao longo dos exemplos trabalhados. O professor, a exemplo dos demais já citados, parece ser o público-alvo. São os casos de Neves (2003), Passarelli (2004) e Ramos (2005a). Neves parte do problema de “qual gramática ensinar na escola”. Adota um caminho que não ignora a norma-padrão, mas que se interessa mais pela língua em uso. Para ilustrar seu ponto de vista, tomou como objeto de análise histórias em quadrinhos utilizadas em livros didáticos. Ou mal utilizadas, segundo a autora. Ela procura demonstrar maneiras de como usar o material de uma forma gramatical, porém sem se esquecer do uso e da geração de sentido. Basicamente, aborda dois aspectos: insere as análises no modelo de interação verbal e trabalha com os processos de referenciação com base nos elementos textuais presentes na história.

Ramos elenca dez possíveis dinâmicas a serem aplicadas na sala de aula. O interesse é descrever de forma sucinta alguns elementos lingüístico-textuais e orientar o professor sobre formas de como transpor a teoria na prática. O autor trabalha basicamente com elementos da Análise da Conversação, da Sociolingüística e da Lingüística Textual. Já o interesse de Passarelli é especificamente a aplicação das variantes lingüísticas. Parte da premissa de que ignorar outras variedades pode levar ao preconceito. A autora descreve os conceitos de norma e sistema, com base em Coseriu, e procura mostrar ao professor que deve estimular o aluno a saber a variedade da língua nos muitos contextos apropriados. E sem preconceito.

4. O gênero história em quadrinhos

Os estudos sobre o gênero proliferaram nos últimos anos. Alguns deles trabalharam especificamente as histórias em quadrinhos. A literatura pesquisada sugere duas tendências de abordagem: uma se interessa em descrever os vários formatos adotados pelas histórias em quadrinhos; outra aprofunda as características textuais e enunciativas de um formato específico.

Do primeiro grupo, o exemplo mais evidente é o de Mendonça (2002), autora já citada no item anterior. Para ela, os quadrinhos são uma espécie de “constelação” de gêneros textuais. Teríamos a caricatura (deformação das características do ser representado), a charge (quando um fato jornalístico é trabalhado), o cartum (semelhante à charge, mas com uma crítica que não “envelhece” como o noticiário diário), a história em quadrinhos propriamente dita (apresentada com mais quadrinhos, formando seqüências narrativas) e as tiras, que seriam um subgrupo das histórias em quadrinhos. As tiras são subdivididas em dois subtipos: tiras-piada, com temática humorística com estratégias utilizadas nas piadas, e tiras-episódio, quando o humor explora dada situação. Mendonça, por fim, (op. cit.: 199-200) define os quadrinhos “como um gênero icônico-verbal narrativo

cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro”. E acrescenta: “Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal”.

Entre os autores que se interessaram mais pelos elementos textuais e enunciativos presentes no gênero estão Nepomuceno (2005) e Silveira (2003), esta também já apresentada anteriormente. Silveira defende, em suas palavras, o *status* de gênero discursivo (e não gênero textual, como propõe Mendonça) para as histórias em quadrinhos. O modelo teórico que adota é o de Maingueneau: o gênero ocorreria dentro de um processo comunicativo. Os quadrinhos teriam como elementos constituintes as tipologias narrativa e conversacional-dialogal (embora a charge, curiosamente, seja vista dentro da tipologia argumentativa). Charge e histórias em quadrinhos seriam os dois “formatos” da linguagem. Ela enfocou o segundo.

Nepomuceno estudou especificamente as tiras, vistas por ela como um gênero autônomo. A autora fundamentou a pesquisa nos estudos bakhtinianos, que vêem o gênero discursivo como enunciados relativamente estáveis. Para a pesquisa, Nepomuceno partiu dos elementos enunciativos encontrados nos *corpora*. De forma bastante resumida, constata que as tiras têm como regularidade o discurso humorístico, função social de provocar o riso, forma física retangular, composição estrutural ancorada em recursos não-verbais (a particularidade do gênero), temática sobre o homem em suas mais diversas esferas, há predomínio dos tipos narrativo e argumentativo, presença de um sujeito enunciador em que perpassam dialogicamente vozes individuais e coletivas, e têm como suporte o jornal. Haveria ainda uma tendência a consolidar um texto que busca quebrar a expectativa de seu leitor-modelo, provocando o humor. Embora contenha características das piadas, a autora privilegia as dessemelhanças entre os dois gêneros.

O estudo traz contribuição também para os aspectos mais ligados às estratégias de formação de sentido, como veremos a seguir.

5. Estratégias textuais, discursivas ou semióticas de formação do sentido

É o campo que reúne a grande maioria das pesquisas, entre elas a de Nepomuceno (op. cit.). Na descrição do gênero tira, a autora utilizou classificação desenvolvida por Travaglia. Este entende que um texto não é composto por um elemento, mas por uma série de elementos, os tipelementos. Assim, uma produção teria basicamente três tipelementos: o tipo (narrativo, descritivo, injuntivo, dissertativo; mundo narrado, mundo comentado; lírico, épico, dramático), o gênero (já comentado) e a espécie. É neste último que Nepomuceno baseia boa parte de sua análise. A espécie se subdividiria em dois pontos: história, quando os acontecimentos se encaminham para um desfecho da trama, e não-história, quando não há desfecho.

Nepomuceno analisou 150 tiras do personagem *Níquel Náusea*, criação de Fernando Gonsales. Concluiu que quase 85% dos textos (84,67%) pertenciam à espécie história, enquanto as demais produções (15,33%) eram casos de não-história, mas teriam, mesmo assim, constituintes narrativos mínimos. Caberia ao leitor um esforço maior de inferência para entender o texto. Em outros autores, encontrou comportamento semelhante. A única diferença que merece registro é que 18% dos casos constituíram não-narrativas, estando mais próximos do tipo argumentativo/expositivo. As tiras, constata a autora, têm no leitor-

modelo um papel de destaque, posto que cabe a ele a reconstrução do sentido de humor pretendido, em particular pelas inferências.

O humor nas tiras foi objeto de outros estudos. Marcelino (2003) fez um levantamento de várias estratégias de comicidade, divididas em lingüísticas e não-lingüísticas. Aplicou-as em histórias da personagem Argentina Mafalda, de Quino. Em paralelo, procurou identificar se era utilizado o recurso diegético ou extratextual. No primeiro, autor e leitor delegam o cômico a um personagem, que é ridicularizado, embora não saiba. No segundo caso, o extratextual, o cômico é estabelecido a partir da visão que o leitor tem dos personagens, que não possuem atitude cômica, nem têm ciência disso. A conclusão, após estudo de 40 tiras, é que a maioria (82,5%) usa recursos cômicos de ordem lingüística, mesmo sendo um gênero que tem na imagem uma de suas principais características.

A relação humor/histórias em quadrinhos pontuou seis dos dez artigos publicados na revista *Estudos Lingüísticos* nos últimos dez anos. Holzhausen (2002) mostra como alguns quadrinhos e charges publicados no jornal alemão *Berliner Illustrirte Zeitung* conseguiam criticar o pensamento nazista. Aguilera (1997), já mencionada no início deste texto, procura justificar a inserção das tiras como objeto de análise, a exemplo do que se faz aqui. Na visão da autora, trata-se de um mito que os quadrinhos ofereçam uma leitura simplificada. Quando há presença de elementos referenciais pouco conhecidos do leitor, a inteligência do sentido de humor se torna mais difícil. E quanto mais complexo o tema, menor o interesse entre os jovens (por causa da dificuldade de assimilação). Ramos (2005b) também trabalha com o humor nas tiras. O autor defende a idéia de que há mais semelhanças do que diferenças entre as piadas e as tiras. Ambas utilizariam estratégias parecidas para provocar um efeito cômico junto ao leitor.

Guilardi (1997), Furuzato (1997) e Diniz (2000) trabalharam o humor nas charges. O primeiro estudo mostra de que jeito os desenhos representam a mulher como uma pessoa ainda sujeita ao homem, distante do atual papel feminino, mais independente e profissionalmente ativo. O segundo estudo demonstra que a charge reforça o posicionamento editorial do jornal em que foi publicada. No entender do autor, mesmo quando não veicula uma idéia próxima à linha editorial, a charge serve para consolidar o ar pretensamente (termo usado por Furuzato) democrático e plural do periódico. O terceiro artigo, de Diniz, mostra um dos recursos utilizados pelos chargistas: desenhar a foto publicada na capa do jornal. O traço evidenciaria, ironicamente, o que a fotografia não conseguiria relevar.

Ainda do GEL, merecem registro os trabalhos de Ramos (2005) sobre o “ethos” nas tiras do personagem *Dilbert*, Sautchuk (1997), que aproxima a linguagem dos quadrinhos dos elementos coesivos da Lingüística Textual, Veloso (2003), que faz leitura das imagens da história em quadrinhos *Superman – Peace on earth*, e de Silva (1996), que demonstra elementos da cultura francesa presentes nas revistas de *Asterix*.

Fora do congresso, Pietroforte (2004) publicou estudo em que trabalha a leitura dos quadrinhos sob a ótica do semi-simbolismo, a parte da semiótica de linha greimasiana que se preocupa com a relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão. O autor analisa duas histórias. Na primeira, evidencia que pode haver uma forte articulação entre a coerência semântica e a coerência plástica, como convencionou chamar. Elementos de

sentido podem ser representados figurativamente na forma visual dos personagens. No exemplo trabalhado, o personagem falante e dono de si possui um formato mais curvilíneo; seu interlocutor, calado e aparentemente neutro ao discurso anti-greve que escuta, apresenta formas mais finas. Na segunda história, na maior parte sem o elemento verbal, Pietroforte trabalha o sentido e os aspectos narrativos a partir do plano da expressão. O percurso gerativo, para o autor (op. cit.: 112), pode ser determinado pelo ritmo: “quanto mais ação, ou seja, quanto mais programas narrativos de uso subordinados ao programa da base, mais aceleração, ou seja, mais ritmo. Contrariamente, quanto menos programas de uso, menos aceleração, portanto, mais propensão para manifestações passionais”.

6. A representação da oralidade nos quadrinhos

O tema oralidade perpassou alguns dos trabalhos sobre quadrinhos na educação. Foi abordado particularmente por Passarelli (2004) e Ramos (2005a). O estudo mais amplo sobre o assunto é de Eguti (2001). A autora, de certa forma, recupera a perspectiva iniciada por Preti (1973) quase 30 anos antes. Ela procurou mostrar que as histórias em quadrinhos são um terreno fértil de representação da oralidade (termo visto dentro de uma perspectiva mais abrangente, englobando a língua falada e os demais elementos que a constituem, como gestos, voz e outros). A pesquisa mostrava como era feita essa representação.

Os quadrinhos simulariam várias das características da língua falada. Nos balões, em geral em discurso direto, teríamos representados os turnos conversacionais, as pausas, hesitações, truncamentos, sobreposição de vozes. O código visual se encarregaria de indicar os aspectos extra-verbais ou paralingüísticos da conversação, como as expressões faciais ou um movimento do corpo. O formato das letras e o contorno dos balões indicariam tom de voz mais elevado, mais baixo, a emoção sentida no momento da fala do personagem. A exemplo de Cagnin (1975), é estudo dos mais relevantes na abordagem lingüística dos quadrinhos.

7. Considerações finais

Este artigo procurou traçar uma possível trajetória da evolução das pesquisas lingüísticas sobre histórias em quadrinhos. Partimos dos primeiros estudos, na década de 70, até as pesquisas mais recentes de que tivemos conhecimento. Haveria tendência a trabalhar o assunto dentro de quatro tópicos: oralidade, educação, gênero e estratégias formadoras do sentido. Os trabalhos indicados neste texto reforçam a idéia inicial de que as histórias em quadrinhos são, hoje, um objeto de estudos lingüísticos.

Acreditamos que a proposta de evidenciar à comunidade lingüística a presença do novo corpus tenha sido cumprida, mesmo sabendo de duas limitações, uma conseqüência da outra. Primeira limitação: a bibliografia se voltou muito ao estado de São Paulo, parte disso por termos restringido ao GEL o recorte sobre comunicações em congressos. Dada a quantidade de congressos de lingüística existentes no país, optamos por fazer um levantamento menor, porém mais aprofundado. Foi o que nos levou à revista *Estudos Lingüísticos*, dada a relevância, difusão e repercussão da publicação no meio acadêmico de todo o país. Segunda limitação: é quase certo que outros trabalhos lingüísticos sobre histórias em quadrinhos não tenham sido incluídos neste texto. Isso provavelmente ocorreu, mas por puro desconhecimento da existência deles. Entendemos, no entanto, que são

limitações que não inviabilizaram a idéia deste trabalho, que é evidenciar a presença dos quadrinhos como objeto de estudos lingüísticos.

O professor Antônio Cândido, no prefácio do livro de Cagnin (1975: 13), dizia que aquela obra trazia “uma contribuição de excelente qualidade para a nossa ainda modesta bibliografia sobre as histórias em quadrinhos”. Trinta anos depois, a literatura lingüística sobre o assunto ainda é tímida. Ficou, porém, menos tímida. Talvez nos próximos congressos de lingüística haja salas para discutir especificamente o tema, a exemplo do que acontece desde 1995 no Intercom (Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). O tempo e a relevância do assunto e das pesquisas dirão a resposta nos próximos anos.

8. Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tira cômica: Uma leitura na escola. *Estudos Lingüísticos XXVI*. Anais de Seminários do GEL. 1997. p. 381-387.
- CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva. A charge: revelando a foto. *Estudos Lingüísticos XXIX*. Anais de Seminários do GEL. 2000. p. 528-533.
- EGUTI, Clarícia Akemi. A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos. 2001. 198 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FURUZATO, Fábio Dobashi. Comparação entre discursos da charge e do editorial jornalístico. *Estudos Lingüísticos XXVI*. Anais de Seminários do GEL. 1997. p. 525-530.
- GUILARDI, Maria Inês. A mulher e a charge jornalística. *Estudos Lingüísticos XXVI*. Anais de Seminários do GEL. 1997. p. 233-238.
- HIGUCHI, Kazuko Kojima. Super-Homem, Mônica & Cia. In: CITELLI, Adilson (coord.). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 125-154.
- HOLZHAUSEN, Marlene. O humor no nazismo. *Estudos Lingüísticos XXXI*. Anais de Seminários do GEL. 2002. CD-ROOM.
- MARCELINO, Marilda Machado. Toda Mafalda: um estudo de estratégias lingüístico-discursivas da comicidade. 2003. 144 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- MELO, José Marques de. Quem tem medo dos quadrinhos? In: LUYTEN, Sonia Bibe (org.). *Cultura pop japonesa*. São Paulo: Hedra, 2005. p. 131-135.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 194-207.

- NEPOMUCENO, Terezinha. Sob a ótica dos quadrinhos: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática: conhecimento e ensino. In: *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 128-152.
- PASSARELLI, Lílian Ghiuro. Os quadrinhos na educação lingüística: história, teoria e prática. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua Portuguesa em calidoscópio*. São Paulo: EDUC, 2004. p. 47-59.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica visual – Os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PRETI, Dino. Níveis sociolingüísticos e revistas em quadrinhos. *Revista de Cultura Vozes – Panorama da Sociolingüística*. 1973. n. 8. p. 33-41.
- RAMOS, Cleonice Men da Silva. O “ethos” em tiras de HQs: uma análise de Dilbert. *Estudos Lingüísticos XXXIV*. 2005. p. 915-920. Disponível em: www.gel.org.br. Acesso em: 15. jul. 2005.
- RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In: RAMA, Angela & VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 65-85.
- _____. Piadas e tiras em quadrinhos: a oralidade presente nos textos de humor. *Estudos Lingüísticos XXXI*. 2005. p. 1158-1163. Disponível em: www.gel.org.br. Acesso em: 15 jul. 2005.
- SAUTCHUK, Inez. Coesão referencial em histórias em quadrinhos. *Estudos Lingüísticos XXIX*. Anais de Seminários do GEL. 2000. p. 276-279.
- SILVA, Maria Cristina Parreira da. Asterix: uma história em quadrinhos difusora da cultura francesa. *Estudos Lingüísticos XXV*. Anais de Seminários do GEL. 1996. p. 766-770
- SILVEIRA, Valéria Rodrigues Hora. A palavra – imagem nos gestos de leitura: os quadrinhos em discussão. 2003. 299 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- VELOSO, Francisco Osvanilson Dourado. Ideologia em HQs: uma re-leitura de “Superman – Peace on earth”. *Estudos Lingüísticos XXXII*. 2003. CD-ROOM.
- VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela & VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 31-64.
- _____. A pesquisa em quadrinhos no Brasil: a contribuição da universidade. In: LUYTEN, Sonia Bibe (org.). *Cultura pop japonesa*. São Paulo: Hedra, 2005b. p. 15-26.

Anexo

Tabela 1. Número de artigos sobre histórias em quadrinhos publicados na revista Estudos Lingüísticos do GEL no período 1995-2005

Estudos Lingüísticos	Ano	Artigos sobre histórias em quadrinhos
Volume 24	1995	0
Volume 25	1996	1
Volume 26	1997	3
Volume 27	1998	0
Volume 28	1999	0
Volume 29	2000	2
Volume 30	2001	0
Volume 31	2002	1
Volume 32	2003	1
Volume 33	2004	0
Volume 34	2005	2
		Total: 10